As Festas de Sant'Ana de outrora em Ponta Grossa

MAURA REGINA PETRUSKI
UEPG

Resumo

O presente trabalho aborda uma manifestação de religiosidade desenvolvida na cidade de Ponta Grossa(PR), na primeira metade do século XX, em louvor a padroeira da cidade Senhora Sant'Ana. O enfoque se encaminha para mostrar o conjunto da comemoração o qual era composto por uma mescla de momentos sagrados e profanos que se intercalavam durante o período festivo.

Palavras-chave

festa, comemoração, devoção.

The old times Sant'Ana festivities in the town of Ponta Grossa

Abstract

This paper looks at a religious manifestation from the first half of the 20th century in the town of Ponta Grossa, PR, Brazil, in devotion of the town's patron saint, the Lady of Sant'Ana. The focus is on the celebrations as a whole, composed of a mix of sacred and profane moments, which succeeded each other during the festivities.

Key words

festivity, celebration, devotion.

Introdução

Ainda bem que julho chegou! Essa era a frase mais pronunciada entre grande parte dos moradores da cidade de Ponta Grossa, localizada no interior do Estado do Paraná, durante as cinco primeiras décadas do século XX, no mês de julho. Todo o entusiasmo presente nessa colocação se refere às festividades que compunham o conjunto das comemorações em honra a "Excelsa Padroeira da cidade Senhora Sant'Ana" [i].

Esse era um acontecimento sócio-religioso que fazia parte do calendário religioso local, realizado no dia 26 de julho, data esta estabelecida pela Igreja Católica pelas mãos do Papa Gregório XIII (1502-1585) em 01 de maio de 1584. "Nossa senhora de Sant'Ana é uma data tradicional na vida ponta-grossense. Suas festas constituem, mesmo, as mais solenes é a mais entusiásticas de todas as que aqui tem lugar durante o período anual"[ii].

Sendo essa comemoração em louvor à padroeira da cidade, ela estava impregnada de inúmeros sentidos, significados e representações, haja vista que o envolvimento dos ponta-grossenses era grande, pois no conjunto multiforme do evento não faziam parte somente os representantes da Igreja e a comunidade católica local mas, também, donas de casa, proprietários de estabelecimentos comerciais, profissionais liberais, representantes políticos, agricultores, entre outros, que cuidadosa e caprichosamente se preparavam para realizarem com o máximo primor esse espetáculo de fé construído numa ação partilhada.

José Severino CROATTO (2001, p.282.) destaca que a festa religiosa "é uma expressão de comunhão com o sagrado, já que nela se celebra alguma manifestação hierofânica, cósmica, histórica, ou ainda pessoal". Apesar de a mesma ser aberta a todos, não se pode almejar que essa visão, apresentada por CROATTO, seja compartilhada por todos que dela participam, porque cada indivíduo não vê e não vive o elemento sagrado com a mesma intensidade, e pode interpretá-lo e vivenciá-lo à sua maneira, de acordo com sua concepção de mundo. Dessa forma, no mundo real, cria-se um espaço e um momento para o sagrado através da festa religiosa.

Apesar desse acontecimento poder ser visto por distintos significados em seu desenrolar, especificamente a festa de Sant'Ana, pode-se dizer que ela compartilhava elementos sagrados e profanos que se intercalavam durante todo o período comemorativo. Essa oscilação de uma festa religiosa entre dois pólos foi chamada por Èmile DURKHEIM (1989, p.420) de "gênero misto", isso porque, apesar desses dois elementos serem divergentes como categorias, nem sempre eram percebidos pelos participantes como desiguais ou antagônicos, pois compunham o mesmo universo religioso, sendo realizados tanto dentro quanto fora do Templo.

Durante o período decorrido na celebração festiva, "o homem religioso"[iii] presencia e vive duas espécies de tempo, o sagrado e o profano. O mais importante, todavia, é o tempo sagrado, sendo que ele "se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular: reversível e recuperável, espécie de um eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos" (ELIADE, 1992, p.64).

Os rituais são responsáveis por perpetuar a simbologia religiosa e estão presentes nas etapas que compõem as festas, sendo utilizados pela Igreja como instrumento de fazer-se lembrar, de 'tornar-se presente'. Sua execução se fundamenta na necessidade de se reiterar a continuidade entre o momento presente e a tradição criada na sociedade, para situar os indivíduos num contexto que transcende a todos, inserindo os moradores de uma localidade numa rede de sinais que os coloca frente a frente com diversos segmentos sociais e instituições.

Nessa perspectiva as festividades em honra a padroeira da cidade estava estruturada a partir de uma diversidade de formas de um materialismo místico, atividades que não podem ser vistas na perspectiva de uma dicotomia mais sim uma união, um encontro de pólos que fazem parte do conjunto das comemorações. Tentar compreender essa ambiguidade se encaminha para transitar em perspectivas que perpassam por distintas esferas de uma comunidade religiosa, tais como devocional ou simbólica, pois nelas estão presentes processos de múltiplos sentidos como fé, sociabilidade e tradição que são partilhados pelo grupo. Ela também expressa elementos como cooperação, adaptação, permanência e inovação podendo ser identificada como um acontecimento social e simbólico ao mesmo tempo.

O significado dessas festividades celebrativas religiosas pode ser entendido a partir do estudo de Roger CHARTIER (1985, p.16-7) que afirma que a história cultural tem por principal objeto "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler".

A festa da padroeira dos ponta-grossenses traz em seu bojo uma história que revela traços de simplicidade do passado e a opulência das primeiras décadas do século XX, pois a mesma, ano após ano, foi crescendo e se reorganizando chegando ao ponto que, em 1939, ela já era identificada como 'a festa da cidade' como pode ser observada na transcrição a seguir que foi publicada no jornal local Diário dos Campos:

> A delicadeza e a fé das comemorações religiosas manifesta-se de forma particular em nossa cidade neste julho de evocações, quando as festividades da padroeira constituem o principal motivo da vida citadina. Nossa Senhora de Sant'Ana é uma data tradicional na vida pontagrossene. Suas festas constituem, mesmo, as mais solenes e mais entusiásticas de todas as que aqui têm lugar durante o período anual(...) Essa festa que perdeu parte do seu caráter de festa religiosa para se tornar festa da cidade, atinge assim, ao seu apogeu[iv].

Partindo da colocação contida no periódico em relação à festa de Sant'Ana, esta se encaminha para uma dimensão identitária local, que nesse caso vai ao encontro do pensamento do geógrafo francês Guy Di Méo (2001, p.1-2) que afirma:

> perceber os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade. A festa possui, com efeito, a capacidade de produzir símbolos territoriais cujo uso social se prolonga bem além de sua duração.

Devido essa comemoração ter atingido um grau elevado de participação dos moradores da cidade, a partir de 1946, essa data (26 de julho) passou a condição de feriado municipal, através da publicação do decreto n 35, assinado pelo Prefeito Theodoro Pinheiro Machado, fazendo com que mais pessoas pudessem compartilhar do evento, fato esse que pode ser explicado através da "lógica da identificação" de Michel Maffesoli (1999) que ela é essencialmente individualista, mas nesse momento ela passa a ser muito mais coletiva.

Essa festa religiosa se opõe ao ritmo regular e rotineiro da vida dos moradores da cidade, fazendo com que durante o período comemorativo a cidade se impregnasse de uma nova dinâmica, tornando-se mais alegre e movimentada, devido a sua programação festiva que era extensa e ao mesmo tempo intensa, na qual se mesclavam elementos de religiosidade e aspectos sócio-culturais, mobilizando inúmeros agentes que não mediam esforços para que a realização das atividades se desenvolvessem a contento de todos, isso porque, muito embora a festa fosse um lugar privilegiado da reunião de desiguais, o festejo "funciona como mecanismo de neutralização de conflitos e diferenças, cria uma convivência ilusória de que a sociedade é igualitária e solidária"[v].

Dessa maneira, "mesmo com aparência de uma grande assembléia, a festa não é uma, existindo várias festas dentro da própria festa"[vi]. Essa colocação se justifica devido às inúmeras atividades que eram realizadas no período que antecedia o dia 26 de julho. Outro ponto que pode se citado nessa direção se refere às pessoas que se aproximam e se unem para fazer a festa acontecer, pois devido à aproximação de alguns a própria preparação do evento se torna uma "festa". MAUSS (1974, p.295) faz menção a essa perspectiva quando afirma que "as festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos dela participa, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas exprimem".

Preparar é preciso

Como qualquer outro evento a festa de Sant'Ana exigia uma preparação para a exuberância de sua realização. Essa tinha seu início de maneira informal no final da festa vigente, quando se fazia um balanço

preliminar da comemoração que se findava, propondo-se novas possibilidades para a que se realizaria no ano seguinte. Por exigir uma produção coletiva, os agentes sociais responsáveis pela sua organização eram compostos por representantes de dois grupos: religiosos e leigos, os quais compunham a "Comissão Diretiva" da festividade.

O grupo dos organizadores não era fechado, pois no decorrer do ano outras pessoas poderiam se agregar ao conjunto. A eles caberia organizar a estrutura geral do evento, ou seja, programar as reuniões em que seriam discutidas as propostas e montar as equipes de voluntários para o trabalho. No que se refere à atribuição de papéis para a organização das atividades se fazia uma lista de encargos, tanto para coordenadores como para voluntários, a fim de que as responsabilidades de cada parte envolvida ficassem mais claras. Todavia tal determinação não era rígida, pois os registros apontam para a troca de tarefas, pois era uma festa comunitária, na qual esse grupo trabalhava em prol de um objetivo único: fazer com que a festa de Sant'Ana acontecesse da melhor forma possível. Assim, a flexibilidade era uma característica que estava presente entre eles.

Eram os festeiros que possuíam em suas mãos a tarefa de fazer com que a festa não ficasse somente no papel, mas sim, que se tornasse um momento para ser vivido por todos com efervescência, haja vista que para a realização de uma festa religiosa há a necessidade da mobilização de um grande número de pessoas, que trabalham sob a forma de mutirão e começam a organizá-la meses antes da data oficial do evento.

Nesse caso em específico as efetivas atividades preparatórias para a festa da padroeira iniciavam a partir do mês de maio, quando os festeiros começavam as reuniões na igreja, para que as primeiras decisões fossem tomadas. Era o momento em que um grupo de pessoas trabalhavam junto em torno de um objetivo único: criar um modelo de festa religiosa que atendesse ao mesmo tempo aos interesses da instituição eclesial, dos próprios festeiros e também do público participante.

A preparação para o evento não acontecia somente na perspectiva material, ou seja, na arrecadação de fundos para custear o evento, como também na parte espiritual e individual. No que tange a arrecadação de recursos era desenvolvida uma extensa programação- intitulada Parte Social - que normalmente era realizada em espaços particulares, meses antes do evento, tais como: chás beneficentes e festivais nos salões dos clubes sociais Germânia e Pontagrossense, sessões de cinema no Cine Império, as cavalhadas em terrenos abertos e as partidas de futebol no Campo do Guarani, muito embora essa não fosse a única forma utilizada para a arrecadação de recursos. Outra forma de coleta se dava por meio da busca de doações de prendas, para tanto, a cidade era subdividida em zonas e cada grupo de pessoas, devidamente identificada por

meio de crachás e um documento escrito, ficava responsável por visitá-las em busca de doações.

Os jornais divulgavam onde os participantes da comissão atuariam. Especificamente para a festa do ano de 1956, o Jornal da Manhã que circulou no dia 06 de julho fez menção a essa etapa:

> As Comissões de Donativos:
>
> A fim de facilitar o recolhimento de donativos, cujos trabalhos serão encerrados no próximo dia 14, as diversas ruas da cidade foram agrupadas em zonas e para cada uma delas, designado um grupo de senhores e senhoritas, conforme a discriminação abaixo:
>
> **1ª. Zona**: Ruas: Santana, Pinheiro Machado, Av. Augusto Ribas, Cel. Bitencourt
> Comissão: Carolina de Paula Xavier, D. Mercedes Imton, D.Iracema Taques Agner.
>
> **2ª. Zona**: Ruas: Balduino Taques, Francisco Ribas, Paula Xavier.
> Comissão: Srta. Zezita Ribas, Srta. Clotilde Dechandt, Srta. Jaira Latife.
>
> **3ª. Zona**: Ruas: Engenheiro Schamber, 7 de Setembro, Av Bonifácio Vilela.
> Comissão: D. Lili de Macedo Ribas, D. Constança Natividade Lopes, D. Balbina de Almeida Martins.
>
> **4ª Zona**: Ruas: Santos Dumont, General Carneiro.
> Comissão: D. Maria do Carmo[vii].

Os festeiros também eram os responsáveis pela divulgação do conjunto das atividades relacionadas às festividades de Sant'Ana, objetivando que as informações circulassem o mais longe possível na tentativa de atrair o maior número de participantes para o período festivo. Para tanto, quatro maneiras eram utilizadas para fazer a divulgação do evento: a primeira, através dos jornais, quando notas eram publicadas nas colunas sociais "Flashs Locais", do Jornal da Manhã, escrita por Heitor Ditzel, e "Notas Mundanas", do Jornal Diário dos Campos. A segunda, por meio dos cartazes de propaganda, fixados em locais estratégicos da cidade, onde houvesse maior circulação de pessoas, principalmente em espaços públicos e estabelecimentos comerciais. A terceira, através de um convite formal impresso e nominal, contendo a descrição de toda a programação festiva daquele ano. E a quarta, era "boca-a-boca", através das conversas informais entre os moradores da cidade.

A preparação espiritual dos fiéis acontecia por intermédio das Novenas, cujo início se dava no dia 17 de julho. Estas eram realizadas na própria Igreja Matriz, sendo que as pessoas eram convidadas a participar através do repique de sinos que aconteciam minutos antes do horário oficial: 18:30 horas. O primeiro dos nove encontros era organizado de forma mais solene que os demais por marcar o início da parte religiosa do evento. As novenas eram

bastante musicalizadas, sendo acompanhadas por um coro que entoava hinos escolhidos especialmente para a ocasião. Do ponto de vista de representantes da Igreja, o canto é um elemento de suma importância para a celebração litúrgica, pois

> expressa e ressalta a busca do amparo material para o homem. Em função disso, não se pode cantar qualquer canto, em qualquer celebração, ou em qualquer hora da celebração, pois para cada tempo litúrgico e solenidade se comemora uma faceta do mistério de Cristo, e o canto proporciona o brilho típico de cada um desses tempos e de cada festa religiosa, expressando de modo adequado o conteúdo da celebração (BECKHAUSER, 2002, p. 32).

O Frei Frederico VIER, também compartilha do pensamento de BECKHAUSER, para tanto nessa perspectiva salienta que, o canto é um elemento essencial nas celebrações religiosas, pois

> a tradição musical da Igreja inteira constitui um tesouro de inestimável valor. Ocupa, entre as demais expressões da arte, um lugar proeminente, principalmente porque o canto sacro, que se acomoda às palavras, faz parte necessária ou integrante da liturgia solene (1968, p. 298.)

Após o encerramento desse momento sagrado, os participantes podiam seguir em direção à Praça Marechal Floriano Peixoto, localizada em frente à igreja, para ouvirem as bandas locais do 13º Regimento de Infantaria ou a Lira dos Campos que ficavam tocando diferentes estilos musicais até aproximadamente às 22:00 horas, quando a população também encontrava à sua disposição o funcionamento de barraquinhas com guloseimas, bebidas, jogos e brincadeiras, algumas vezes até o leilão se fazia presente, que, nesse momento, era comandado por um dos organizadores do evento.

A última forma de preparação para a festa era a pessoal, e se refere aos "trajes" que as pessoas faziam especialmente para serem usados nessa ocasião, pois se tornou comum entre os participantes das festividades à padroeira a confecção de roupas novas, chegando ao ponto de que as "modistas" colocarem anúncios no jornal avisando a sua disponibilidade para a confecção de roupas para a festa, como também para os bailes que aconteciam nesse período nos clubes sociais locais, que exigiam trajes especiais para a ocasião, conforme pode ser verificado na notícia divulgada no meio de comunicação:

> Noitada de elegância promete constituir-se em um acontecimento de notável expressão no mundanismo local, pois a ele se pretende dar um cunho de máxima pompa (...) para o mesmo será exigido o traje a rigor, não sendo permitida a entrada no Clube de pessoas que não estiverem trajadas de acordo com as recomendações feitas (...) para evitar dissabores na portaria, as diretorias comunicam que somente será permitida a entrada de pessoas que se apresentarem trajadas a rigor[viii].

Esses contratavam cantores de renome nacional para abrilhantar o evento, tais como: Linda Batista, Luiz Gonzaga, Francisco Alves e também o grupo musical Cassino de Sevilha[ix].

26 de julho.... O grande dia chegou!

Aquele que era desmedido finalmente chegou, o dia da festa. A linguagem simbólica religiosa e o espetáculo público caminhariam juntos durante todo o dia da comemoração, através das cerimônias variadas que aconteceriam em seu decorrer, sendo a primeira delas a missa.

Era a alvorada festiva que comunicava à população que as festividades do dia estariam iniciando. Os cartuchos de fogos de artifício devidamente arrumados durante a madrugada, na rua ao lado direito da Matriz, eram estourados às 06:00 horas da manhã e logo em seguida, uma salva de 21 tiros eram disparados. Na visão da Igreja, a escolha de uma hora tão matinal

> está ligada com o tempo dos favores divinos e da justiça humana. Simboliza o tempo em que a luz ainda está pura, os inícios, onde nada ainda está corrompido, pervertido ou comprometido. A manhã é ao mesmo tempo símbolo de pureza e de promessa: é a hora da vida paradisíaca e da confiança em si, nos outros e na existência (CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, 1992, p. 27).

Após esse momento esfuziante, os olhares dos participantes deveriam se direcionar para o Templo, pois dentro dele se desenvolveria os primeiros momentos sagrados do dia, as missas. Este recebia uma ornamentação especial para os festejos - tapete colorido, muitas fitas, flores e velas. Mircea ELIADE (1992, p.30) destaca a importância desse espaço santo para a manifestação da religiosidade, de acordo com o autor,

> No Templo o homem participa de um espaço das aglomerações humanas que o envolvem. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido, lá dentro é tornado uma posição, comunicação com Deus, há, portanto, uma porta aberta para o "alto" onde Deus pode descer a terra e o homem pode subir simbolicamente ao céu. Esta forma torna-se muito importante na vida do homem.

Até 1930, era rezada somente uma missa no dia principal do evento, porém, com a chegada à cidade do bispo diocesano, Dom Antônio Mazarotto, passaram a ser rezadas três: a primeira, às 07:00 horas; a segunda, às 08:00 horas; e a terceira, identificada como missa solene, rezada pelo prelado, às 10:00 horas, que contava com a participação de padres de outras igrejas.

A missa da padroeira, por ser um dia particular para a comunidade religiosa católica ponta-grossense, contava com a presença efetiva dos fiéis que,

por um ou outro motivo, participavam do ato religioso. Contudo, a partir de 1950, uma inovação passou a fazer parte dessa celebração, quando a mesma começou a ser irradiada, diretamente da Catedral, através da Rádio PRJ-2, buscando alcançar aqueles que não poderiam ir à igreja.

O momento mais longo dessa celebração era a homilia, pois era utilizada como um canal normativo que estabelecia uma ligação entre as "coisas de Deus" e os homens. Era o instante que os religiosos refletiam sobre as questões espirituais, bem como aspectos relacionados ao comportamento dos fiéis em relação à Igreja, à doutrina, à comunidade e ao próximo. Por intermédio desse instante, tentava-se garantir que certos valores continuassem imperando entre os cristãos, apostando na possibilidade de uniformização de comportamentos e moral que deviam ser seguidos pelos homens, é o que Marta Maria de ARAÚJO e Maria das Dores MEDEIROS denominam de "pedagogia cultural da Igreja Católica" (2008, p. 99). Diante dessa colocação, pode-se afirmar que a linguagem utilizada na celebração da missa não implica somente relações lingüísticas, mas também está envolta de um "poder simbólico". Salienta-se também que a missão do religioso era de evangelizar e nada melhor do que o ritual da missa para que isso fosse realizado.

Como era identificada a uma missa especial, se comparada às demais rezadas durante o ano, alguns fiéis aproveitavam-na para receberem o sacramento do batismo ou batizarem seus filhos. Esse sacramento poderia ser realizado durante ou no final da celebração, sendo que em alguns anos ele aconteceu no período da tarde. A tabela apresentada a seguir evidencia os batizados realizados durante os anos de 1930 a 1960:

Tabela 1
Batizados realizados no dia 26 de julho na Paróquia Sant'Ana entre os anos 1930 - 1961

	Anos									
Década	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09
1930	03	12	04	04	03	08	09	04	04	07
1940	04	06	00	03	06	03	03	05	05	01
1950	04	04	04	07	02	07	05	04	06	01
1960	03									

Fonte: Livro de Batismo da Paróquia Sant'Ana

Após o término do ato litúrgico, próximo ao meio-dia, grande parte das pessoas se dirigiam à praça, localizada defronte à Matriz, para participarem do almoço e da quermesse que eram as próximas etapas da festividade, até que a chegada do segundo ritual sagrado do dia acontecesse, este se daria com a procissão, com ela o ritual religioso sai às ruas.

Este pode ser identificado como um momento de devoção que está carregado de signos e sinais de uma instituição religiosa identificados por meio de gestos e falas e, também, de todo o aparato visual e sonoro que dele faz parte, sendo que todo esse conjunto deve ser lido através de uma linguagem simbólica específica a qual está sustentada pela tradição.

Roberto DaMATTA (1986, p.65) define essa prática de religiosidade como um "desfile especial" porque nela se observam, num mesmo instante, elementos sagrados e profanos que se mesclam, pois a imagem do santo está com o povo e quem recebe, na rua, e não na Igreja, suas orações, cânticos e penitências.

Essa etapa sagrada das festividades pode ser apresentada como um fenômeno comunitário, porém hierárquico, visivelmente evidenciado na disposição dos fiéis no cortejo, pois os representantes religiosos que determinavam onde cada grupo ou setor deveriam estar posicionados, muito embora essa referência não fosse perceptível aos mesmos, pois a procissão exprime o congraçamento de um grupo de pessoas que estão subordinadas a uma paróquia, demonstrando a sua ligação com a Igreja, identificando-as como membros de uma mesma comunidade.

O itinerário de fé por onde passaria o séquito tinha seu traçado estabelecido antecipadamente pela autoridade eclesiástica competente. Especificamente no ano de 1946, o trajeto designado foi: "Saída da Catedral – desce pela rua Padre Lux, percorre a rua 7 de setembro, depois Dr. Collares, Cel. Dulcídio, dobra a 15 de Novembro, volta a rua 7 de setembro, sobe a Padre Lux retornando à Catedral" [x]. Para esse ano os organizadores dos festejos pediram aos moradores das ruas por onde passaria a procissão que ornamentassem as janelas ou a fachada de sua casa com flores, galhos verdes, luminárias ou bandeirinhas, para que a comitiva pomposa se revestisse da máxima imponência. Para que a decoração fosse possível, dias antes o jornal noticiava qual seria o trajeto que a procissão percorreria.

Esse momento de desfilar com a procissão diante do conjunto de moradores de um determinado lugar pode ser identificado como uma forma de buscar introjetar valores religiosos aos não participantes, como também de reforçar as relações existentes entre pessoas, grupos e uma instituição, para serem rememoradas e valorizadas.

As procissões de Sant'Ana impressionavam o público pela sua exteriorização através da rica ornamentação do andor, das roupas que os

religiosos usavam, da disposição das pessoas no cortejo, e principalmente pela participação ativa dos munícipes. De acordo com os dados do para o ano de 1944 foram de aproximadamente 8 mil pessoas e em 1952, 20 mil[xi].

Nela uma mescla de cores se fazia presentes através das crianças vestidas de anjo, "meninas-moças" com roupa branca e uma coroa de flores na cabeça, simbolizando as Virgens, com os representantes de congregações religiosas vestindo suas túnicas, sobre as quais eram colocadas fitas coloridas indicando o seu movimento religioso, esses também carregavam seus estandartes e bandeiras, alguns alunos dos colégios confessionais devidamente uniformizados com alguns de seus professores.

A musicalidade era outro ponto de destaque desse momento sagrado, pois os ritmos dos cantos das músicas sacras se intercalavam com as orações do terço e com as ladainhas que eram recitadas/cantadas durante o percurso estabelecido.

Contudo, era o andor o objeto simbólico mais importante da procissão, pois nele estava a imagem da padroeira que seria levada no cortejo, cuja representação remete ao sagrado. A imagem de Sant'Ana de aproximadamente 50cm de altura, era o único ícone da liturgia religiosa santoral na procissão, haja vista que os cartazes de propaganda da festa pediam aos possíveis participantes de não vestirem-se com representações de santos. Essa imagem da Santa não era a mesma que ficava exposta no interior da igreja, cujo tamanho era bem superior a levada no cortejo, devido ao peso e a necessidade de equilíbrio, pois ficava posicionada nas costas dos carregadores.

A figura da Santa ali colocada pode ser aludida "como instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma<imagem> capaz de reconstruir e de o figurar tal como ele é" (CHARTIER, 1985, p. 20). Este era anualmente reformado contando,algumas vezes, com patrocinadores para sua confecção. Ele abre o préstito que, especialmente no ano de 1956, foi escoltado durante todo o percurso por integrantes da corporação dos militares, tendo essa iniciativa partida por parte do Delegado Regional da Polícia Civil Militar.[xii]

Quando a procissão encerrava, uma nova etapa das festividades recomeçava, era a quermesse. Era nessa parte dentro do evento que predominava o divertimento, ou nas palavras de DURKHEIM (1989, p.452) "os elementos recreativos", cujo início acontecia oficialmente após o ato litúrgico da missa. Contudo, no momento da procissão essa fração da "festança" perdia grande parte dos seus visitantes. Nesse local havia uma multiplicidade de

atividades, formando um emaranhado festivo que mudava conforme o horário e os espaços.

Era na Praça Marechal Floriano Peixoto que a estrutura física da quermesse era montada. Essa era antecipadamente preparada para a ocasião, pois recebia uma nova pintura e iluminação, eram instalados alto-falantes para que a comunicação chegasse a todos e as árvores eram podadas em formatos especiais proporcionando uma visibilidade diferenciada.

Durante a realização da quermesse, a praça transformava-se num espaço gerador de relações econômicas, haja vista que as barraquinhas ali montadas poderia se encontrar brincadeiras, comidas típicas, bebidas, doces e alguns objetos para serem comercializados tais como: comidas e porcelanas, quase tudo exposto era fruto de doações, cujo lucro seria revertido para a Igreja e sua aplicação seria decidido pelo pároco de acordo com as necessidades momentâneas. As barraquinhas de brincadeiras, colocadas à disposição do público como atrativo alegravam principalmente os mais jovens, que disputavam quem sairia na frente e conseguiria a melhor prenda nos jogos da argola, pescaria ou do coelhinho.

A quermesse era um momento de entretenimento, de desfilar e deixar-se levar pelos acontecimentos ali gerados, era a ocasião de ser visto(a). Ao som da Banda Lira dos Campos ou da Banda do 13º Regimento de Infantaria, os participantes do evento transitavam entre as barracas, sendo que o fluxo de pessoas nesse local durante o período festivo aumentava consideravelmente se comparado com os outros dias normais da semana. Nesse instante da festa, a singeleza da música sacra era substituída pela música alta, e os cantos religiosos davam lugar a músicas produzidas por instrumentos mais eletrizantes, como trombone e bateria. Nesse sentido, o principal instrumento da tradição católica ocidental, o órgão, no qual a música suave era produzida continuava dentro da Igreja, cedendo lugar a uma multiplicidade de sons gerados pelos instrumentos musicais da banda.

Nesse sentido, durante a quermesse tornava-se propícia à dinamização de relações sociais, haja vista os diferentes interesses das pessoas que a compartilhavam. Uns vinham em busca de entretenimento, outros de troca de informações através de conversas informais ou, ainda, simplesmente “flertar”. A representatividade concentrada na praça durante a quermesse indicava o universo social, político e religioso da cidade que ali estavam presentes.

Era durante essa etapa das festividades que se acontecia o leilão. Este era um dos momentos do dia esperado por muitos, em função da diversão que proporcionava, além da curiosidade em relação “ao que” seria oferecido ao público. Ele representava importante fonte de renda, cujas prendas eram arrematadas por quem oferecesse o melhor preço. Se os produtos recebidos em

doação para serem leiloados fossem insuficientes, os organizadores do evento compravam artigos para essa ocasião.

O clima dos leilões era de muita descontração, no qual se falava alto, ocorrendo, muitas vezes, gritos e risadas. Os leiloeiros, especialmente contratados para esse momento, eram pessoas que provocavam e desafiavam a platéia. Eles deveriam ter uma postura altiva em sua fala para exaltar o produto pertinaz que, para a ocasião, era o melhor de todos, pois a ele se acrescentava o valor simbólico do evento.

A quermesse perdia um pouco de seu brilho durante a realização da procissão, quando muitos deixavam a praça para seguir o cortejo processional, sendo que, após o seu término ela voltava com seu desenrolar até o encerramento da festa, que era bastante esperado em função do espetáculo pirotécnico realizado com diferentes modelos de cartuchos: cascata das sete quedas, bonecos ciclistas, roda pistola e girândola de coroa, que simbolicamente diziam ao público que as festividades daquele ano estavam encerradas.

Considerações Finais

Um primeiro ponto que está relacionado às festas religiosas que deve ser evidenciado é que elas fazem parte da cultura brasileira desde o início do processo de colonização do Brasil pois, por meio delas pessoas ou grupos se unem para comemorar seu santo protetor.

Todas as festas têm uma história que ao longo do tempo foram criadas, recriadas, modificadas ou readaptadas de acordo com a cultura local.

Especificamente durante as comemorações em honra a padroeira da cidade de Ponta Grossa, a religiosidade estava sustentada na preservação das tradições presentes entre familiares, amigos e a população. A festa propiciava o convívio entre homens, mulheres e crianças de diferentes segmentos sociais, cuja circularidade cultural se dava num espaço comum, que era composto por diferentes dimensões e significados específicos.

Esse período festivo é o momento em que a religiosidade de uma comunidade estava marcada por uma perspectiva de sociabilidade devido às diferentes etapas constitutivas na elaboração da festa.

Bibliografia

ARAÚJO, Maria Marta de & MEDEIROS, Maria das Dores. **A Pedagogia cultural da Igreja Católica para Caicó – RN e a festa de Sant'Ana, século XVIII.** Disponível na internet em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0772.pdf.

BECKHAUSER, Frei Alberto. **Símbolos Litúrgicos**. Rio de Janeiro, Petrópolis. Editora Vozes. 2002.

BOURDIEU, Pierre. A **economia das trocas simbólicas.** São Paulo. Editora da EDUSP. 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro. Editora Bertrand do Brasil. 1985.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro. José Olympio Editora. 1992.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo. Editora Paulinas. 2001.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro. Editora Guanabara. 1986.

Di Méo, Guy. **La géographie em fêtes**. Géophrys. Gap. 2001.

DURKHEIM, Èmile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo. Editora Paulinas. 1989.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1992.

LUCENA, Célia Toledo. **A festa (re)visitada: (re)significações e sociabilidades.** Anais 2008 do Ceru06. Disponível na internet http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais2008_1_ceru06.pdf .

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro, Petrópolis. Editora Vozes. 1999.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In:*Sociologia e Antropologia*. São Paulo, v. 2, 1974.

VIER, Frei Frederico (org). **Compêncio do Vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1968.

[i]Expressão utilizada pelo jornal Diário dos Campos em várias edições quando fazia menção à festa da padroeira. A elevação de Sant'Ana a condição de padroeira da cidade de Ponta Grossa aconteceu oficialmente por meio do Decreto Imperial n. 15, de 15 de setembro de 1853.

[ii]Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 26 jul.1939, p.2. "A expressão Nossa senhora Sant'Ana" publicada pelo jornal está equivocada em função de que a mãe de Maria – Sant'Ana - não deve receber tal denominação, pois a mesma é aplicada somente as inúmeras derivações de Maria.

[iii]O sentido dado para "homem religioso" nesse momento é aquele que participa do evento vivendo a religião que está sendo representada através da festa.

[iv]Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 26 jul.1939, p.1.

[v]LUCENA, Célia Toledo. **A festa (re)visitada: (re)significações e sociabilidades.** Anais 2008 do Ceru06 p.98. Disponível na internet http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais2008_1_ceru06.pdf . Acessado em 20 de março de 2011.

[vi]Idem, p.100.

[vii] Jornal da Manhã. Ponta Grossa, 06 jul.1956, p.3. Jornal da Manhã. Ponta Grossa. 06 jul.1956, p.3.

[viii]Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 16 jul.1959, p.1.

[ix]Informações obtidas através dos jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã.

[x]Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa. 24 jul. 1946.

[xi]Livro Tombo da Catedral, p. 11 e 19.

[xii] Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 16 jul.1956, p.1.